As lembranças do pai que gostava de meninas mais novas.

“Kikuji, rapaz solteiro procura *sugar baby.*” O anúncio, apresentado no *Moderno* (estamos no Japão, no *site* anunciosparatodos.com.) não era propriamente do estilo pós-guerra. *Rita Original* tinha respondido há mais de uma hora durante uma ancestral cerimónia. Tinha lido dezenas de outras publicações semelhantes, todas enquanto tomava o chá. Uma era para amantes, do género “homem procura menina para passear o pai, recentemente falecido”. Nesse tempo, não sabia nada sobre aquelas ocasiões, encontros de amantes e indivíduos. Não lhes conhecia a cara, não sabia nada desse pai, nem de “mais duas mulheres jovens”. Não sabia se eram perigosos, não tinha forma de o confirmar.
Passado pouco tempo, tudo o que afirmavam sobre ela era, de facto, verdade.

As lembranças do pai que gostava de meninas mais novas girava em torno de quatro criaturas: o pai, *Rita Original* e as duas mulheres mais jovens. Todavia, ninguém se importava com isso. No “Japão de antes da confusão”, estar com homens que tinham idade de guerra, idade para serem pai dela, assim como o sexo, não eram um problema.

— Este é um conto de fadas. Fui precoce. Perdi a virgindade com 12 anos.

Confabulava, e as fábulas são muito frequentes no *Moderno.*
Rita original falava, sentada à mesa de um café, a preto e branco.

— Quero dizer, os maus estavam a uma longa distância da escola onde estudava. Nos arredores são 100% maus e os bons são 100% de Lisboa – e todos sabem que Lisboa fica longe do Japão – .
Na altura, tinha 17 anos e estava a poucos meses de conhecer os bons.
Não gostava de trabalhar, nem me queria candidatar à universidade.

Gama dos cinzentos, dizia, quando algum anúncio me captava a atenção.
É preciso ter muito cuidado com esses.

Respondia sempre da mesma forma. Dizia-lhes que, para mim, que era uma menina muito mimada, já me estava a oferecer e, a meio do filme, dizia que queria dinheiro.

Uma filha. Um médico. O verdadeiro mau momento foi quando nos divorciámos. Nunca fui uma empresária, mas nunca me faltou nada.

— Estás muito, muito muito vulnerável!

— Não estou nada, mas queria mais.

Sempre há um momento em que percebemos que temos uma fixação por malas e coisas caras. Ouvia as amigas dizer: de onde é que isto vem?

Declaração da argumentista:

Há uma cena, um dos temas recorrentes, que tem algo que nunca teria sido realizada se tivéssemos apenas seguido os parâmetros do desejo sexual masculino - tudo a preto e branco.

É um momento de desejo contrariado em metades de dúvida.

Por outro lado, é muitas vezes importante, para mim, falar sobre o que acho de momentâneo no filme - e nas suas muitas manifestações - como na cena em que, ela e nós nos encontramos, enquanto ela se masturba no banho. É por isso que não há tantas mulheres a dar a cara.

A acusação não trata, jamais, de inocência.

Mas são assim tantos os homens muito conhecidos pela pureza? E ele não é, de facto, uma personagem que simboliza o assédio sexual e o abuso branco? Mas temos de ter contraste. Conforme indica o título, o contraste está na própria natureza (*chiste)*. Não sou estranha às fúrias. Tudo negro ou tudo branco.

A devoção sexual é um dos aspetos da vida.

Dizer-lhes-ia, contudo, que isto não é masculino, o tema sobre o qual escrevi. É uma coisa calculada, orgânica. Aquilo de que trato nos meus livros são os homens.